



MÃE NILZA E WALDEMAR LIBRINA: VIDAS ENCARNADAS EM UMA SÓ

MOTHER NILZA AND WALDEMAR LIBRINA: THO INCARNATED LIVES IN ONE

Ilka Cristina Diniz Pereira¹

RESUMO

O presente artigo narra a trajetória da Mãe de Santo, Nilza de Odé, do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum e sua convivência com seu encantado Waldemar Librina. Procura investigar como se dá essa agência do encantado, quais relações estabelecem ao longo da vida e qual lugar esse “ente” passa a ocupar na casa, na família, na vida entendida como “vida concreta”. Em uma relação contínua, os dois se afetam mutuamente. Vão construindo e modulando essa relação ao longo do tempo. Um não vive sem o outro enquanto durar a relação. Assim, sendo afetada e afetando, Mãe Nilza foi se construindo/reconstruindo ao longo da vida. Do nascimento à vida adulta foi acompanhada por encantados e sua vida seguirá passando os ensinamentos construídos edificando assim, as bases de sustentação do Terreiro e do seu povo de santo.

PALAVRAS-CHAVE: Codó; encantado; Mãe Nilza de Odé.

ABSTRACT

This article reports the journey of Saint-mother Nilza de Odé, from meeting place Ilê Axé de Oxossi e Oxum, and her coexistence with her charmed entity Waldemar Librina. It seeks how this charmed entity works and takes place, what kind of relationship are established throughout life and what place this “entity” starts to occupy in her house, in her family, in her material life. In a continuous relationship, both are affected mutually. They are building and modulating this relationship along life. One does not live without other while this relationship is still on. Saint-mother Nilza was building and rebuilding along her life from birth to adulthood. She was followed by charmed entities and her life will continue teaching lessons thus building this support bases at her meeting place.

KEYWORDS: Codó; Charmed entities-Saint; Mother Nilza de Odé

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense e mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2002). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (1996). Atualmente é professora Adjunta III do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, relações étnico-raciais, interdisciplinaridade, identidade, encantaria maranhense, memória, saberes tradicionais, política educacional. Participa do Grupo de pesquisa GIRA(Universidade Estadual do Rio de Janeiro) ilkdinizpereira@gmail.com



INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que desenvolvo há nove anos na cidade de Codó, situada no leste do estado do Maranhão. Ao longo desse tempo acompanhei, muito de perto, excetuando o período da pandemia, quase todos os rituais do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, comandado pela Yalorixá Mãe Nilza de Odé. O Ilê Axé se constitui como único terreiro de Candomblé, de nação Ketu, existente na cidade, no qual recebe entidades do Candomblé denominados de Orixás, e encantados da doutrina afro-religiosa nascida na cidade, denominada de Terecô.

Desde o início da minha caminhada como pesquisadora da área da educação, passei a vida sendo desafiada a pesquisar questões que estavam ligadas a campos de estudo, na época, de pouco interesse da maioria dos pesquisadores da área. Quando comecei a me interessar por religião afro-brasileira, mais recentemente, no estado do Maranhão, ou mais precisamente na “cidade dos encantados”, como Codó e conhecida por alguns (AHLERT, 2013; PEREIRA, 2019), me percebi pensando na vida das mulheres que carregavam encantados. Ficava pensando o que significava uma pessoa, uma mulher nascer acompanhada por humanos e não-humanos? Como a vida passava a ser determinada? Haveria consensos ou só obrigações ao longo da vida? Qual lugar esse “ente” passava a ocupar na casa, na família, na vida entendida como “vida concreta”? Quais eram as relações estabelecidas nesse cruzamento família de santo x família consanguínea?

Muitas questões passavam pela minha cabeça e eram perguntas que me fazia quando comecei a produzir o documentário *Zeladoras e encantados*², lançado em 2018, e que passou cinco anos sendo produzido. Naquela época, de pesquisadora iniciante, já entendia a importância do “tempo” que se impunha de maneira crucial no entendimento da relação: Mãe de santo x encantado; Mãe de Santo x Orixá etc.

O tempo passava a ditar as regras do trabalho. Era preciso ter tempo para o estabelecimento das relações, das permissões que adviriam dessas relações, dos entendimentos que viriam com o tempo da escuta, da observação, da participação nos ritos, das perguntas nas

² Zeladora e encantados é um documentário que narra a relação de sete Zeladoras de Santo da cidade de Codó, com os seus respectivos encantados.



horas certas, do calar nas horas consideradas erradas, enfim, era preciso ter tempo. Afinal, o “Tempo” se constitui em uma própria entidade. Essa compreensão só obtive mais tarde.

Por isso, resolvi construir essa narrativa em primeira pessoa para poder dar essa dimensão, uma vez que uma das técnicas de pesquisa utilizada foi a etnografia. Para ser mais fiel ao trabalho, comecei a trabalhar com a “história de vida”, mas a complexidade do campo de pesquisa, também me levou a fazer etnografia. Eram campos muito próximos. Convivi ao longo deste tempo, com muitas pessoas no Ilê Axé, especialmente Mãe Nilza e Ruth Evangelista, Mãe pequena da casa. Realizei entrevistas com elas, com os filhos e filhas de santo, com as crianças, hoje, já adolescentes, em tempos diferentes; morei na cidade e acompanhei, praticamente, todos os festejos, excetuando o período da pandemia; além disso, fiz pesquisa de campo na cidade procurando entender a dinâmica afro-religiosa marcante na mesma.

Penso que as estratégias utilizadas foram importantes, pois permitiram conhecer melhor a nossa constituição histórica, ouvindo vozes, muitas vezes relegadas a serem somente coadjuvantes, mesmo estando no patamar de protagonistas. Todo esse movimento permitiu construir uma outra historiografia da cidade, a partir da história de vida de Mãe Nilza, bem como possibilitou conhecer a história das outras “mulheres de Axé” em seus espaços de poder, possibilitando a abertura de um vasto campo de pesquisa afro-brasileira, feminina, humana, social e histórica.

A pesquisa, assim, ajuda na compreensão dessa complexa e imbricada relação entre a vida de uma mulher negra, que já nasce acompanhada de encantados e Orixás, e como se dão os desdobramentos da vida material amalgamada com a vida espiritual. Aponta para uma relação constituída antes de nascer, no qual esses entes estarão presentes em todos os momentos ao longo da vida. Essa escolha está numa “escala ancestral”, na qual as obrigações caminham juntas com consensos, festas, gratidão, fé, amor e profundos laços de amizade. É uma missão recebida!

Ao mergulhar com mais afinco nessa missão recebida, a pesquisa avança, também, na compreensão de como Mãe Nilza trabalha com duas doutrinas no mesmo espaço, em tempos diferentes e com entes diversos. Revela, por sua vez, que a mesma detém um profundo conhecimento ao trabalhar com “universos” aparentemente iguais, mas profundamente diferentes, considerando as suas origens. Esse amplo repertório de conhecimentos vai sendo modulado e se constituindo ao longo desse campo de experiências, no qual é possível



“negociar”, em outro plano, troca de encantado que vai comandar a casa, conversar com Orixás etc.

Neste sentido, a escrita, o registro, tem o cuidado permanente de não correr o risco de mudar as “coisas do lugar”. Isto por que adentrar em um espaço sagrado, como O Ilê Axé, significa trabalhar o tempo inteiro com situações que vão de encontro com o que a cultura ocidental nos deixou de herança, ou seja, as bases racionais de tender colocar a forma sempre à frente da experiência e do agir humano.

Estar no terreiro, na convivência com vários seres, é estar sempre em confronto com um pensar que estabeleceu as bases da chamada “realidade concreta”, “palpável”, “racional” e “objetiva”. A realidade no Terreiro é expansiva, pois foge dessa métrica estabelecida de ver e analisar o mundo. Este mundo tem seres que habitam diferentes moradas: pedreiras, lagoas, florestas, rios, lagos, nascentes, abaixo do fundo das águas, montanhas, morros, poços, tucunzeiros etc. Cruzam mares, rios, oceanos, florestas num piscar de olhos. Têm dons e saberes curativos das florestas. Consultam doentes e passam remédios para que possam aplacar suas dores e males. Cuidam do espírito e da casa. Podem atravessar gerações em uma só família: passando de mãe para filho; filho para o neto, de tio para a sobrinha etc.

Além disso, costumam ter um tempo diferente e interesses que apontam para um outro tipo de racionalidade própria deste mundo. Em *A Queda do céu* (2015), o Xamã Davi Kopenawa Yanomami, narra ao seu interlocutor o seu interesse em tornar as palavras dele em “peles de imagens” (escrita) para os brancos

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância... Descendo desses habitantes das terras das nascentes dos rios, filhos e genros de *Omama*. São as palavras dele, e a dos *xapiri*, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados a possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar Xamã, a imagem de *Omana* colocou em meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma a outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi *Omama*. São as palavras dele, vinda dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. A dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 65).

As palavras acima apontam para a compreensão da descendência do Xamã; da sabedoria das suas palavras que se manifestam através do sonho, da presença de *Omama*, criador da vida



e de tudo que nela existe, dos xapiri, diversos seres que habitam essa vida e, por fim, da sua missão na defesa da floresta.

Toda essa narrativa que tomamos conhecimento através da produção das “peles de imagens”, mudando contextos, religiões, povos e nações compõem a cosmovisão das religiões afro-brasileiras, ameríndias e se traduzem nos conhecimentos ancestrais dos povos. Desta feita, falar sobre Seu Waldemar Librina, caboco³ encantado de Mãe Nilza, é falar sobre pajelança, sobre magia nativa, sobre curas, medicina tradicional, adivinhações, limpeza espiritual, ente espiritual que compõe a família de santo e a consanguínea etc.

Segundo Barros (2008), no Maranhão, além da linha da mata, existem os encantados⁴ da pajelança⁵ que habitam a baixada maranhense, que são da água doce e os presentes no Tambor de Mina⁶ que são da água salgada, pois vieram pelo mar; constituem os caboclos de origem europeia e africana, Voduns, Orixás etc. A encantaria maranhense, no entanto, está sob o comando de Santa Bárbara. Seu legado ancestral é devido à enorme quantidade de escravizados, negros e negras, que a cidade recebeu para trabalhar nas lavouras de algodão e arroz.

Codó, cidade da magia e dos encantados

A cidade de Codó dista 296 km da capital do Maranhão, São Luís. Localiza-se no leste maranhense e está situada na região dos Cocais, nome cunhado devido às inúmeras palmeiras de coco babaçu existentes na região. É uma cidade com forte predominância de negro(as), cerca de 85, 74% da população, de acordo com o Censo de 2010. Negros e negras, na sua maioria, descendentes de escravizados que habitavam e ainda habitam os diversos quilombos existentes na região, bem como dos povos originários que ali viviam. Segundo Barros (2000) e Machado (1999) Codó foi uma das 03 cidades que mais receberam escravos, assim como Cururupu e São

³ Uso a expressão “caboco” no lugar de caboclo para preservar a forma com que o mesmo é tratado no terreiro e na cidade como um todo.

⁴ Representam uma categoria de seres, que podem ter tido vida terrena ou não, e que desapareceram em circunstâncias especiais, ou seja, atravessaram um “portal e se encantaram”.

⁵ Segundo Ferreti (2004), era um termo utilizado para classificar as manifestações não católicas no século XIX. Neste sentido, devido à existência de práticas comuns entre os colonizadores, africanos e índios, estes últimos acabaram estabelecendo certa comunicação, entrecruzando-se. Os pajés recebem entidades que exorcizam espíritos, curam doenças etc. Assim, define que no Maranhão há uma pajelança de índios, mas também há uma de negros.

⁶ Religião afro-brasileira muito presente no Maranhão, na qual os médiuns recebem entidades espirituais de origem africana. O nome é proveniente do forte de São Jorge de Mina, entreposto de venda de escravos, localizado na costa da Mina, atualmente República de Gana.



Luís. Cresceu a partir da chegada dos portugueses e expulsão dos indígenas que habitavam a região. A cidade, como quase todas que compõem o Estado do Maranhão⁷, apresenta problemas sociais em números bastante elevados.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) o município tem uma população de 118.072 habitantes, sendo 60.640 mulheres e 57.432 homens que vivem preponderantemente na zona urbana (81.043), contra 37.029 na zona rural; o índice de pobreza extrema era em 2009 de 52.805.

É uma cidade com uma forte tradição religiosa de matriz africana. No que concerne ao universo religioso da cidade é possível verificar que o Terecô da Mata é a religião afro-brasileira mais expressiva, seguida da Umbanda e do Candomblé. Segundo Ferretti (2007, p. 1):

[...] o Terecô se originou de práticas religiosas de escravos das fazendas de algodão de Codó e de suas redondezas, sua matriz africana é ainda pouco conhecida. Apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, sua identidade é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português.

Na cidade, embora o número de salões, barracões na sua grande maioria se autodenominem como Umbanda, estima-se que a maior representatividade esteja no Terecô. Aventa-se que devido às inúmeras perseguições sofridas no passado, pelos pais e mães de santo no que tange as práticas dos seus ritos, a Umbanda acabou galgando um lugar de prestígio na cidade através da Mãe de Santo Maria Piauí, pelos laços que acabou estabelecendo com políticos e empresários, quando chegou na cidade na década de 1930. Assim, é possível verificar que as casas na sua grande maioria praticam o Terecô, outras, Umbanda e Terecô, no caso do Ilê Axé que é uma casa de Candomblé, mas também toca Terecô e recebe encantados.

Durante muito tempo, os dados sobre o número de Tendas e Salões povoaram o imaginário das pessoas. Em 1999, o historiador João Machado já indicava a existência de mais de 300 salões na cidade. Este dado vigorou durante algum tempo, pois ainda não havia fonte disponível para consulta. Em 2010, a Secretaria de Cultura e Igualdade Racial, órgão criado em 2009, revelou que existia cerca de 200 casas distribuídas entre Terecô, Umbanda e Candomblé. A Associação de Umbanda, Candomblé e religiões afro-brasileiras de Codó (AUCAC), ainda em 2010, hoje a Federação das Comunidades de Matriz Africana, a partir dos seus levantamentos, apontou para um número mais expressivo: 294 tendas e 194 quartos de santo

⁷ Ver dados mais precisos no último Censo (2010). (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).



(Gongás). Deste total, 119 salões eram comandados por mulheres, ou seja, 40,47% do número total levantado. Das 119 tendas, 72 estavam localizadas na zona urbana e 47, na zona rural. Deste total, 98% declaravam-se umbandistas.

Dados mais recentes da Federação, de 2019, apontam no seu levantamento, 315 salões contabilizados na cidade, dividindo-se em 201 na Zona Urbana, e 114 na Zona Rural. Do total de salões, 187 são dirigidos por mulheres. Já os quartos de santo (Gongá), somam 218; sendo 151 na zona urbana, e 67 na zona rural. Destes, 122 dirigidos são por mulheres.

Percebe-se, assim, que as casas chefiadas por mulheres representam 59,36% nos barracões e 55,96% nos gongás, portanto, mais da metade. Mãe Nilza faz parte deste matriarcado, a partir da coordenação de duas práticas religiosas: o Terecô e o Candomblé.

Esta mulher, assim, com a infinidade de seres que carrega, compõe um matriarcado na cidade que desafiou os olhares “distraídos” do patriarcado existente. Estabeleceu-se como uma Ialorixá de referência na cidade e materializa o que Landes (1947), já identificava nas suas pesquisas etnográficas em Salvador: a presença significativa das mulheres no comando dos cultos afros, quebrando assim, com a máxima de que a dominação masculina vigente na sociedade se dava também nos terreiros.

A sua história com a encantaria começou de forma curiosa. Era janeiro de 1943 e um certo frenesi pairava no quilombo dos Matões dos Moreiras, próximo à cidade de Codó. A notícia do nascimento de uma menina, havia corrido de boca em boca, no pequeno lugarejo de São Raimundo de Luca. É que aquele nascimento trazia consigo o desenrolar de uma vida acompanhada por encantados(as). Segundo contam, a sua mãe, Castorina Moreira, havia escutado o choro da menina, por duas vezes, ainda na sua barriga. A notícia, assim, logo se espalhara, uma vez que sua mãe assustada, contou o episódio a algumas pessoas.

Assim, o nascimento da menina passara a chamar a atenção dos moradores da localidade. Além disso, aquele parto precisou de outro tipo de ajuda para dar vida àquele ser. Estavam presentes três encantados⁸: “Dr. Zeca”, encantado de Dona Alvina, “Coli Maneiro” (irmão da entidade Legua Boji Buá), que estava no quarto, mas não participou, e “Seu Elegância” que ajudaram no parto⁹. A menina, segundo o irmão da sua mãe, Isidoro Moreira

⁸ Encantados são entidades espirituais muito conhecidas no interior do Maranhão que se manifestam em seus/as médiuns, através das incorporações, por meio de toques dos tambores e pontos de Terecô, doutrina afro-brasileira nascida e mais difundida na cidade de Codó.

⁹ Ferreti (2001, p. 67, grifo nosso), ao falar das impressões do antropólogo paulista, Costa Eduardo (1948), sobre o fato de o mesmo afirmar não ter encontrado entidades legitimamente africanas em Santo Antonio dos Pretos,



costumava dizer, “nasceu de arrepio de pé”. Isso, segundo os códigos locais, significa que, ao invés de a criança nascer dando passagem primeiramente à cabeça, como comumente as crianças nascem, a criança vira-se no ventre e os pés dela saem primeiro. Os antigos costumam dizer que as crianças nascidas dessa forma tendem a ser muito espertas.

Com relação à presença dos encantados, a princípio, não havia nenhum comprometimento revelado sobre riscos de vida da mãe ou da filha (como são casos mais comuns de mediações de encantados no parto). Parece, segundo narrativa local, que estavam lá para auxiliar e receber a criança, que mais tarde viria a se transformar na Yalorixá Nilza de Odé.

A trajetória de Mãe Nilza, assim, será marcada por acontecimentos que vão interligá-la a “humanos e não-humanos”, do nascimento ao longo da sua vida. Uma vida marcada por cisões e renascimentos. Aos cinco anos ficara órfão, juntamente com dois irmãos, um de sete, e outro recém-nascido. A sua mãe, morrera de parto do seu terceiro filho e, o seu pai, havia ido embora do lugar, logo após o nascimento da menina. Na época ficara aos cuidados do seu Tio Isidoro, irmão da sua mãe. Foi, ainda, no território dos Matões dos Moreiras, que ela experienciou o primeiro “passamento”, quando desmaiou, passando algum tempo desacordada. Logo foi cuidada por um parente na comunidade, que fez o primeiro atendimento, uma espécie de suspensão de correntes¹⁰, pois ainda era muito pequena “[...] A minha família toda é dessas coisas. Eu também segui a mesma linhagem” (VIANA, 2019).

Aos cinco anos Mãe Nilza, e seu irmão, Alverino Moreira, chegaram à cidade de Codó para serem “adotados”. Na luta pela sobrevivência e sem condições objetivas de morar na mesma casa, foram separados e adotados por famílias distintas, uma vez que as regras desse tipo de adoção se fiavam na palavra que era acordada entre os adultos.

Segundo os dados do VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950, as condições objetivas de sobrevivência da população não eram nada favoráveis, especialmente para a população negra, uma vez que a taxa de escolaridade alcançava menos de 1/3 da população (BRASIL, 2010). Os 2/3 não-brancos (pretos, amarelos e pardos) não tinham instrução, havendo somente

mas outras entidades semelhantes, conhecidas como encantados, apontou alguns trabalhos que estes faziam “[...] podem curar, assegurar boas colheitas, prever o futuro, ajudar a encontrar um objeto perdido ou uma *criança a nascer*”.

¹⁰ A suspensão de correntes é feita através de banhos, benzimentos ou pagamento de promessas. É uma espécie de paliativo que retarda a possessão do encantado até que a pessoa já esteja em condições (físicas, cronológicas ou, até mesmo mais raro de acontecer, “consciente” da sua missão) de receber os seus encantados.



três pessoas com curso superior; Além disso, em termos de representação da religião de matriz africana, dos 15,77% de preto(as) e 50,26% dos denominados pardos, ou seja, 66,03%, somente 0,39% da população (menos da metade de 1%), encontrava-se sob a denominação de “espíritas e outras religiões”. Os dados apontam a contradição estabelecida (BRASIL, 2010).

Dos cinco aos 19 anos, foi criada por uma família abastada da cidade. Mesmo com as correntes suspensas, neste período, tinha dores de cabeças muito fortes. As dores se intensificaram bastante após o seu casamento e à medida que o tempo ia passando.

A dinâmica da vida, também, havia mudado bastante com o casamento, e agora ela passava a ter muito mais trabalho do que outrora. Mãe Nilza, já tinha dois, dos seus seis filhos. Assim, viu-se obrigada a trabalhar triplicado para dar conta das despesas da casa, passando a acumular múltiplas funções. Enquanto isso, as dores de cabeça nunca deixaram de acompanhá-la. Foram só piorando ao longo do tempo. E a cobrança dos encantados foi se tornando cada vez mais presente.

Caí pela primeira vez quando estava vendendo bolo. Morava na beira da linha [...]. Nesse dia, estava tendo um festejo da casa de Maria Piauí e também na casa de Euzébio Jansen. A casa que eu morava era do mesmo lado do seu Eusébio Jansen, um pouco mais acima. Eu tinha muito medo, eu não ia lá... Aí, Moacir me deu uns leites, que ele tinha uma vacaria, eu fiz bolo de arroz, café, leite... tava indo muito bem, tava saindo mesmo.... E aí, nesse negócio chegou seu Jorge finado, **Jorge da Fé em Deus**. Ele havia atravessado pro tambor de Euzébio Jansen... saí da Maria Piauí e foi dançar lá. Quando ele começou a cantar, eu comecei me sentir mal... Não! Deus me livre! Aí, eu não sei mais o que aconteceu... e sei, porque um tio do meu marido e o filho dele, disseram que eu caí por cima da mesa de café, derrubei café, bolo e saí correndo e eles correndo atrás... já foram me pegar perto do rio Codozinho, quase caindo, eu não vi nada disso... Quando eu acordei, me espantei, e o finado Jorge tava assim segurando na minha cabeça e me disse: “Olha, o que eu posso fazer é só até os 30 anos... depois disso, eu não posso mais. Essa menina é uma médium... e uma médium boa! Tem que cuidar! E veio com uma missão muito dura!... É pra ir lá em casa, levar ela lá pra casa quando chegar a época”. Quem tava em cima dele era o caboco da bandeira, **Seu João da Mata**... Eu só vi quando ele começou, mas não vi quando ele terminou de cantar: “Eu sou caboco da bandeira, sou João da Mata falado, nas promessas de Cristo, onde eu fui batizado. Eu sou caboco da bandeira, das folhas de ariri, eu sou caboco da bandeira, pedra de Itacolomy”. Eu vi ele começar, não vi ele terminar... Daí, ele disse: “Eu vou ajeitar ela aqui, até porque já tá no tempo. Essa menina nasceu pra essa gente”. Tudo era o encantado dele dizendo...

Meu marido não queria, falando em vida e nem em morte...Foi um sofrimento! Dizia que, se fosse encantado, ele me largava... Aí, a gente mudou pra casa bem longe do barracão... Ele achou que, se afastando, aquilo sairia de mim. Aí, ele disse: “Vou mandar ver se isso é encantado!” Esse homem tá é mentindo! Daí, eu fui sofrer... era uma dor de cabeça que não tinha remédio que passasse... eu só vivia com dor de cabeça...

Meu tio dizia que, quando tava com dois anos, eu dei um negócio na perna da minha mãe, caí e fiquei dura, sem fala, sem nada... Aí, me levou na casa de um homem e ele fez um negócio... Era parente... Aí, ele disse que era encantado... Ajeitou lá e disse que era encantado, mas disse que eu era muito criança... daí, fez um serviço e



suspendeu. Só voltou com 19 anos... Aí, nessa época, seu Jorge disse que era encantado e meu marido disse que não queria... Eu não passava um dia sem dor de cabeça... aí, ia pra Dr. Antonio Joaquim, Dr. Anselmo e nada... (VIANA, 2018).

Os infortúnios seguiram acompanhando Mãe Nilza, sem que ela conseguisse resolvê-los. Até que um dia, já muito debilitada, seu marido resolveu levá-la a uma cidade próxima para uma consulta a um Pai de Santo

[...] aí eu fui parar num homem lá em Alto Alegre...nesse tempo Alto Alegre era atrasadinho... o nome dele era José Ferreira e tinha uma irmã, Mãe de Santo Domingas Ferreira...aí ele foi e disse tudinho- que era encantado, que eu tinha nascido pra isso, que era de família... Disse tudinho sem me conhecer [...] aí ele disse que ia fazer um serviço pra me aliviar...

E completou: - Porque eles tão cobrando demais!

- Ai ele pegou uma pedra que vivia enrolada assim num pano branco, ela era assim oval, aí ele descobriu essa pedra ...era assim acinzentada!

Ai ele disse assim: - Bote a sua mão direita encima dessa pedra!

- Ai eu botei a mão! Ai teve, teve e ele me mandou tirar... aí essa pedra foi clareando, clareando, clareando que a gente olhava tudo que tava dentro...

- A senhora tá vendo essa casa bem aqui? Esse aqui é o barracão que senhora vai ter que mandar [...] meu marido via, a atendente dele que ainda tá viva, Dona Luzia viu, ele chamou ela e disse: - Olha aqui a corrente dessa menina... tá aqui... esse bem aqui é o dono, a gente via [...] ele tava assim afastado, porque ele não era da minha corrente... e continuou: - olha o chefe da sua cabeça e esse aqui, mas você vai terminar pelo candomblé, porque você nasceu pra isso.... esse aqui é que o dono...e eu não sabia nem o que era candomblé... (VIANA, 2019).

E assim, Mãe Nilza saiu da casa do Seu João Ferreira, com seu destino traçado e várias incumbências que haviam sido reveladas naquela pedra. Melhorou, passou ainda um mês para procurar “recurso” e, voltou a adoecer. Vendo que a situação exigia posicionamentos mais urgentes, uma vez que já teria sido avisada de que o seu “tempo estava acabando”, foi em busca de ajuda na casa de Mãe Antoninha, famosa terecozeira de Codó. Mãe Antoninha, profunda conhecedora dos preceitos da religião, disse-lhe logo que iria ajudá-la, mas que o seu lugar não era lá no seu salão, e sentenciou: “você irá bem mais longe do que eu. Ainda tem uma grande missão pela frente”.

Deste modo, foi feita na doutrina no Terecô e passou vinte anos, entre 1965-1985, dançando na casa de Mãe Antoninha. Desde lá, entre outros encantados, havia um que sempre vinha. Era seu Waldemar Librina!

Às vezes, sempre após uma noite de tambor, pela manhã, quando ela ia pegar a toalha, sempre havia um dinheiro amarrado na ponta e um recado dele dizendo: “Isso aqui é pra Dona



Nilza comprar comida pros filhos dela”. Essa relação de troca, ajuda, companheirismo e amizade foi se edificando ao longo do tempo até à construção do barracão.

Mas acontece que Mãe Nilza ainda tinha uma tarefa grande. Deveria ser feita no Candomblé!¹¹ Lá atrás, quando esteve diante da pedra, ela havia sido informada que tinha uma demanda para o Orixá Oxóssi. Essa tarefa parecia a mais difícil, isto porque na cidade de Codó só havia Terecô, Umbanda e Mina, a chamada mina não-pura. Mas, numa confluência de destinos, chegou à cidade, depois de mais de trinta anos fora, os pais de Santo Eduardo Brandão e Júlio de Ogunjá. Seu Eduardo faleceu muito cedo. Seu Júlio foi então chamado até Mãe Antoninha e ela entregou suas duas filhas para serem feitas por ele. Assim, em 1985, no barco que era formado por cinco pessoas, nasceram a Yalorixá Mãe Nilza de Odé e Ruth de Oxum, Mãe pequena do terreiro que viria a se edificar com o nome de Terreiro Ylê Axé de Oxóssi e Oxum.

Figura 1 – Fotografia de Mãe Nilza de Odé e da Mãe pequena Ruth de Oxum na saída do roncó/1985



Fonte: Terreiro Ylê Axé de Oxóssi e Oxum (1985).

¹¹ O Candomblé é uma religião afro, cujos médiuns recebem os Orixás que representam domínios sobre os elementos da natureza: o fogo, a água, a mata e o ar. Estes, só descem em ocasiões especiais e conversam pouco com as pessoas, o que os difere dos encantados. Os trabalhos são feitos através do jogo de búzios e são realizadas obrigações e oferendas pelos médiuns aos seus Orixás.



Para toda esta empreitada, houve um grande “rearranjo” feito pelas mãos de Mãe Antoninha. Ao colocar o Seu Waldemar Librina, na sua corrente, uma vez que o mesmo não fazia parte, estabeleceu-se uma “negociação” realizada num outro plano, no qual, havia um interesse do caboco, da Mãe Antoninha e, mais tarde, o consentimento do Orixá Oxóssi para que assim permanecesse.

Neste sentido, como uma espécie de “encarregado” do “Pai Oxóssi”, “Pai Waldemar”, como é tratado por todos, e por algumas crianças da casa por “Vô Demar”, trabalhou e vem trabalhando muito para a edificação do terreiro Ylê Axé que fica na cidade de Codó.

Mãe Nilza seguiu, assim, aprendendo a manejar com as duas doutrinas. Caboco para ficar no Candomblé teria que ser “domado”, segundo ela. Desse modo, foi fazendo e acumulando um grande repertório de saberes a partir da sua feitura no Terecô, na casa de Mãe Antoninha e da sua feitura no Candomblé, anos mais tarde.

Na religião afro-brasileira conhecida como Terecô da mata, a incorporação dos médiuns pelos seu(s) encantados, dar-se através dos cantos das doutrinas e toques dos tambores e cabaças que são responsáveis por abrir os caminhos para a passagem dos encantados. Estes são considerados categorias de seres “invisíveis” ou visíveis (só pra quem tem mediunidade desenvolvida para vê-los) que já viveram e desapareceram em condições especiais ou que não tiveram vida terrena e que habitam em lugares sagrados, espécie de entremundo, chamado encantaria. Dependendo da sua origem/família (mata, água doce, água salgada), se manifestam com as especificidades que os(as) demarcam; conversam, consultam, têm relação muito próximas com as pessoas e dançam nas festas de “santo” embalados por doutrinas e rodopios frenéticos. As mulheres usam saias rodadas, blusas com folhos, adereços e panos de cabeça de crochê ou chapéus; já os homens, costumam usar calças, batas rodadas e panos que envolvem as suas cabeças ou chapéus (FERRETTI, 2000).

Ouso dizer que, de uma relação conflituosa, inicialmente, devido à negação de Mãe Nilza em aceitar ser o “seu cavalo”, eles acabaram construindo uma relação de muito afeto e que se estende a todos da grande família, a biológica e a de santo. Um, parece, não viver sem o outro. Foram consolidando uma relação de afeto e respeito que, longe da criação de qualquer “romantismo”, na relação dos dois, é quase impossível pensar em qualquer relação de possível “castigo”, atualmente, em represália a qualquer desobediência. Assim, Mãe Nilza, juntamente, com seu Waldemar, Ruth Evangelista, Marcelo de Tamulissi edificaram a Ylê Axé.



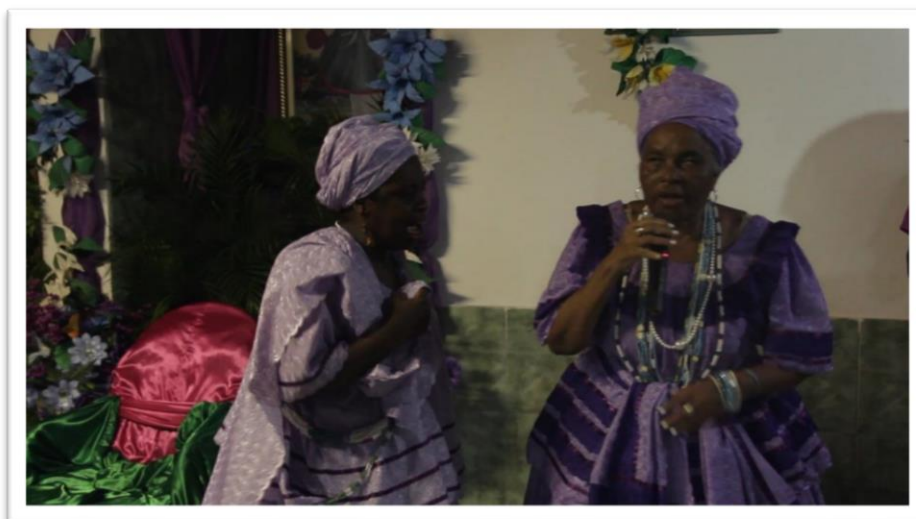
Considerando, assim, as duas formações religiosas, Mãe Nilza realiza no Terreiro Ilê Axé duas festas anualmente. Uma em janeiro, em homenagem ao Orixá Oxóssi; e a outra, no terceiro final de semana de setembro, que é a do Seu Waldemar Librina, período que compreende o aniversário da primeira incorporação/passagem dele, na cabeça da Mãe Nilza. São três dias de festas; sendo que, no primeiro dia, na sexta-feira, a festa é destinada ao Candomblé, na qual se festejam os Orixás. Trata-se de uma festa fechada, na qual participam somente o pessoal do Terreiro. São três dias de muito trabalho envolvendo banhos de limpeza e as obrigações com os santos de cada filho(a). No sábado toca-se o terecô da mata, festa realizada em homenagem ao seu “Waldemar”, “Dona Toriana”, encantada Turca, sendo que a tarde tem a festa dos Erês, que são os encantados crianças. No domingo tem mais obrigações. Seu Waldemar está presente em todos os dias de festa para receber os seus “convidados”, que são os zeladores (as) de outros salões e terreiros (da cidade de Codó e de outros lugares) seus rodantes, convidados/as homenageados/as e pessoas da comunidade não, necessariamente, praticantes da religião.

A festa costuma receber cerca de 250 pessoas. São festas que saem muito onerosas para a casa, considerando a falta de incentivo do poder público. As ajudas são escassas e não cobrem as despesas da festa que giram em torno das despesas com alimentação, tocadores, segurança etc. Porém, com todas as dificuldades em alojar e alimentar as pessoas, ela acontece todos os anos. O comando da festa fica com o seu dono, seu Waldemar, que vai dando as orientações para a sua realização. Coordena tanto na perspectiva econômica, ou seja, “trabalha consultando o ano inteiro na perspectiva da medicina tradicional, passando remédios, preparando banhos de limpeza e cuidando da aflição daqueles que o procuram. Em contrapartida, estas fazem pagamentos de acordo com os préstimos realizados ou com as suas condições financeiras, situações estas que são previamente acordadas a partir do momento da consulta, verificação da possibilidade de cura e realização do trabalho. Além disso, colabora também na orientação da escolha das cores das roupas que serão usadas, pois às vezes tem algum pedido especial de algum encantado para ser realizado na festa. Nota-se que está sempre “presente” para resolver qualquer problema que ocorra antes, durante, ou mesmo, depois da festa.

Segundo Mãe Nilza “[...] as festas exigem muito [...] são muitos preparativos e envolvem muitos gastos. As coisas começam muito difíceis, mas no final vai dando tudo certo, porque ele ajuda e casa de Oxóssi é muita farta” (VIANA, 2018).



Figura 2 – Fotografia Mãe Nilza incorporada do seu Waldemar. Ao seu lado Emília



Fonte: Arquivo Paulo do Vale (VALE, 2019).

Certa vez, ouvi Mãe Nilza dizer que “Seu Waldemar” era um grande raizeiro, pois conhecia muitos remédios do mato e vinha ajudado muita gente que batia à porta do terreiro. Ele acabou tornando-se conhecido por essa característica, sendo tratado por todos como aquele pai que cuida da sua gente. Ocupa um lugar de centralidade na vida daqueles que convivem na casa, especialmente na vida de Mãe Nilza, que foi uma das pessoas escolhidas para dar “passagem” a ele aqui na terra. Deste modo, ao longo de todos estes anos, acompanhei várias histórias da presença do seu Waldemar na vida desta grande mulher. É quase impossível separar, para um simples efeito didático, onde começam e onde terminam esses mundos. O que é “real”, do “irreal”, “material”, “imaterial”, etc. Tudo está intimamente ligado. Um é o outro e vice-versa. São mundos amalgamados. Às vezes, parece até não haver diferença uma vez que as questões cotidianas são entrelaçadas com as questões espirituais.

Finalizando, são mundos encarnados em um só. Diante de problemas de saúde, lá está Seu Waldemar. Ele desce e faz a indicação do que deve ser usado, como deve ser usado e por quanto tempo; se alguém da família está grávida, esperando um bebê, ele também vem dizer se vem com algum problema, o que deve ser feito; se algum filho (a) de santo ainda vai aparecer com problemas na casa, ele vem e adianta para logo encontrar a solução. Ele acompanha Mãe Nilza o tempo inteiro e é responsável pelo funcionamento e organização do Terreiro. Segundo ela “... abaixo de Deus e do Pai Oxóssi, seu Waldemar é um amigo, um marido, um irmão que vem ajudando muito. É um caboco de contrapeso e medida” (VIANA, 2018).



Em 2019, última festa que participei antes da pandemia, ele parou e falou alguns minutos sobre a necessidade de manter a harmonia no terreiro, enfatizando que todo(as) ali tinham a sua responsabilidade, e destacou que qualquer desarmonia incidia diretamente no axé, na força do terreiro, ou seja, a desarmonia impedia o axé da casa de circular. Sábias palavras de um anfitrião!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Mãe Nilza é encarnada na vida material e espiritual, com todos os elementos e alcance da dimensão, do que isso possa levar a pensar, ou mesmo representar. Nascer acompanhada por essas entidades, significa a continuidade de uma missão ancestral que a pessoa já traz. Às vezes se manifesta na infância, como no caso de Mãe Nilza, às vezes na vida adulta, depende da mediunidade e das “cobranças” que passa a decorrer da mesma.

A vida passa a ser determinada por estes seres, com muitas obrigações a serem feitas, mas também com consensos que vão se estabelecendo ao longo da vida concreta, dependendo das situações que se apresentam. Este ser encarnado torna-se parte da família consanguínea e edifica no seu entorno outra família: a de santo.

Esse outro ser que é chamado de encantado, tem nome, morada, personalidade e assume papel de suma importância nos procedimentos da pessoa, na sua postura, no seu destino, nas suas decisões e no funcionamento da casa. Em se tratando do Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, Seu Waldemar Librina é o encarregado da casa, em uma negociação feita em outro plano, com o Orixá Oxóssi. Assim, Orixás e encantados convivem na mesma casa, em ritos diferentes e tempos também. Tudo é muito organizado. Há um rito de passagem e manejo com o tempo para mudar do Candomblé para o Terecô. Só muda depois de todas as obrigações terem sido feitas, quando já não mais nenhum Orixá em “terra” e os(as) filhos (as) de santo já se encontram reestabelecidos.

É uma relação contínua. Os dois se afetam mutuamente. Vão construindo e modulando essa relação ao longo do tempo. Um não vive sem o outro enquanto durar a relação. Assim, sendo afetada e afetando, Mãe Nilza foi se construindo/reconstruindo ao longo da vida. Do nascimento à vida adulta foi acompanhada por encantados e sua vida seguirá passando os



ensinamentos construídos edificando, assim, as bases de sustentação do Terreiro e a formação dos seus filhos (as) de santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Martina. **Cidade Relicário**: uma etnografia sobre terecô, precisão e encantaria em Codó (Maranhão). Tese (Doutorado em Antropologia Social). Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2013.

BARROS, Evaldo A. Em trilhas encantadas: sociedade, cultura e religiosidade no Maranhão. **Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**, São Paulo, 2008.

BRASIL. Censo demográfico. Maranhão. **VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950**. Brasília, 2010.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**: o caboclo do Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 2000.

_____. **Encantaria de “Barbara Soeira”**: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

_____. Formas sincréticas das religiões afro-americanas: o terecô de Codó (MA). **Cadernos de Pesquisa**, n. 14, p. 95-108, 2007.

_____. Lugares sagrados da encantaria maranhense. **Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC**. Cuiabá, MT, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Brasil: IBGE, 2010.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami**. [S. l.: s. n.], 2015.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. 1947.

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú**. São Luís: FACT/UEMA, 1999.

PEREIRA, Ilka Cristina Diniz Pereira. **Pelas mãos de Mãe Nilza**: religião e mulheres negras na cidade de Codó-MA. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019.

TERREIRO YLÊ AXÉ DE OXÓSSI E OXUM. **Arquivo pessoal**. Codó, 1985.

VALE, Paulo do. **Arquivo pessoal**. Codó, 2019.



ENTREVISTAS

Nilza Moreira Viana. Entrevista concedida a Ilka Cristina Diniz Pereira, na cidade de São Luís-MA, nas seguintes datas: 08 de junho de 2013; 14 de setembro de 2014; 25 de setembro de 2017; 04 de setembro de 2018; e 02 de julho de 2019.

Nilza Moreira Viana. Entrevista concedida a Ilka Cristina Diniz Pereira na cidade de Codó-MA, em 06 de setembro de 2018.

Artigo recebido em: agosto/2022

Artigo aceito em: dezembro/2022